

**Saneamento, Eugenia e Literatura:  
Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato.(1914-1926)**

Paula Arantes Botelho Briglia Habib<sup>1</sup>

**Resumo:** A objetivo central deste texto é mostrar a relação entre Renato Kehl, um médico eugenicista e Monteiro Lobato, um literato. A questão principal é procurar compreender a constituição de uma rede entre a literatura e a ciência em um período específico da história brasileira. Neste sentido, as obras de Monteiro Lobato, Renato Kehl e a correspondência entre ambos ganham especial dimensão dentro do debate eugênico e, principalmente no processo de difusão e divulgação da eugenia no Brasil.

**Palavras-chave:** Eugenia – Renato Kehl – Monteiro Lobato.

**Abstract:** The aim of this paper is to show the relation between Renato Kehl, a eugenic physician and Monteiro Lobato, a writer. The ultimate issue is to look for to understand the constitution of a net between literature and science in a specific period of Brazilian history. In this direction, the workmanships of Monteiro Lobato, Renato Kehl and the correspondence between both inside gain special dimension of eugenic debate e, mainly in the process of diffusion and spreading of the eugenics in Brazil.

**Keywords:** Eugenics – Renato Kehl – Monteiro Lobato

*Acabo de ler sua conferência sobre eugenia, lida na A. C. de M. e confesso-me envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente 'eugênico' pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular. (Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, 06/04/1918. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.).*

Esta é a primeira de uma série de cartas enviadas por Monteiro Lobato a Renato Kehl. O texto que o escritor acabara de ler é a primeira Conferência Eugênica realizada em 1917 na Associação Cristã de Moços, considerada por Kehl o marco fundador do movimento eugênico no Brasil. Na data da carta, Monteiro Lobato era um escritor e editor de renome no meio intelectual brasileiro, com diversos contos e crônicas publicadas nos mais diferentes jornais e revistas. Essa carta foi o início de uma relação produtiva e duradoura entre o futuro escritor de famosas histórias infantis e o principal protagonista do movimento eugênico brasileiro.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela UNICAMP e Doutoranda em História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz (COC)/ FIOCRUZ. Bolsa FIOCRUZ.

A carreira literária de Lobato teve início em 1914, com a publicação de duas crônicas no jornal *O Estado de São Paulo*, um dos principais periódicos do Brasil. As crônicas “Uma Velha Praga” e “Urupês”(LOBATO,1914) foram escritas quando morou e administrou a Fazenda do Buquira. O “piolho da terra” ou “funesto parasita da terra”, Jeca Tatu, foi descrito como uma figura parasitária, indolente, preguiçosa, ignorante, inapta ao trabalho, sem nenhum tipo de sentimento patriótico, e que nada fazia além de tornar o solo estéril e prejudicar o desenvolvimento do país. A figura do caboclo nacional era incapaz de adaptar-se à civilização e ao progresso. A grande questão era a miscigenação e suas conseqüências degenerativas à espécie.

Três anos após o “nascimento” de Jeca Tatu teve início no Brasil a campanha eugênica e como principal protagonista do movimento, Renato Kehl. O discurso proferido na ACM em São Paulo tinha um objetivo claro: convencer os ouvintes da urgente necessidade de implementação das principais medidas eugênicas no Brasil. Para Kehl, as armas fundamentais para a constituição de uma população brasileira “forte, sã e robusta” seriam: a luta contra as doenças consideradas “males sociais”(sífilis, tuberculose, alcoolismo), leis restritivas aos casamentos disgênicos e a constituição de uma especialidade dentro do Direito, o Direito Eugênico.

Em um período de forte nacionalismo no Brasil aliado à percepção de que era necessário regenerar a população, a crença na transmissão dos caracteres adquiridos trouxe a aproximação com as idéias do saneamento. Segundo Stepan(STEPAN,2005:78-84), a eugenia latino-americana teve uma clara influência da eugenia francesa, em especial no Brasil. A idéia de que o indivíduo, ao longo de sua vida, acumulava seus caracteres adquiridos e os transmitia a geração seguinte, pareceu aos eugenistas mais interessante e, principalmente, mais eficiente do ponto de vista do controle social e político. Assim, politicamente, o neolamarckismo apresentou uma visão mais otimista da evolução e permitiu uma aproximação com a tradição do sanitarismo e da higiene. Nesse sentido, é importante destacar que a eugenia no Brasil deve ser entendida como metáfora para a própria saúde nacional.

A equação, “sanear é eugenzar”, ganhou fortes contornos de campanha em 1918. A publicação do relatório de viagem de Belisário Penna e Arthur Neiva em 1916 deu início à campanha pelo saneamento dos sertões(LIMA,1999). Inspirado pelo movimento, Lobato publicou pelo jornal *O Estado de São Paulo*, as “crônicas do saneamento” que apresentaram para o leitor o interior brasileiro doente. Doente pelas doenças endêmicas e epidêmicas e pelo abandono do Estado. A preguiça e a indolência do Jeca Tatu, que em 1914 era um problema puramente racial, de uma raça miscigenada, em 1918 teve como complemento a doença que

assolava o caboclo. A doença passou a ser entendida como a metáfora para o Brasil. Segundo Lima e Hochman, foi crucial para o movimento sanitarista “a descoberta da importância sociológica da doença” (LIMA&HOCHMAN,1996:37) na discussão sobre a identidade nacional e trouxe uma nova chave explicativa. A melhor saída era sanear os Jecas Tatus, tarefa essa que deveria ser empreendida pelo Estado brasileiro.

O sucesso das crônicas de Lobato foi imediato. O escritor havia associado duas discussões que eram de extrema relevância para o período: saneamento rural e questão nacional. A relação foi feita como uma equação: saneamento rural = patriotismo. O resultado dessa luta pelo saneamento rural empreendida por Monteiro Lobato é sintomático não apenas da importância e dimensão do assunto em 1918 como também da relação entre o literato e editor e Renato Kehl. Por iniciativa da Liga Pró-Saneamento do Brasil, fundada por Belisário Penna e da Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada por Kehl, ambas em 1918, as crônicas do saneamento de Lobato foram compiladas e publicadas como livro, no mesmo 1918. As 16 crônicas tornaram-se um livro de 105 páginas, publicado pela Edição da Revista do Brasil, com o sugestivo título de *Problema Vital*(LOBATO,1918).

Membro das duas Sociedades, Renato Kehl escreveu o prefácio ao livro de Monteiro Lobato. No “Proêmio”, o médico reafirmou a importância do saneamento rural, louvou os cientistas de Manguinhos e elogiou a iniciativa e a coragem de Lobato em publicar as crônicas. Para Kehl, Lobato era “a franqueza patriótica em ação” e “uma das mais brilhantes e promissoras mentalidades da nova geração brasileira”(KEHL, 1918:4). O médico afirmou ainda que a Liga Pró-Saneamento e a Sociedade Eugênica estavam unindo forças para “propugnar pelo avigoreamento da raça e, portanto, para o progresso do Brasil”. O objetivo da publicação de *Problema Vital* era conseguir mais aliados para o que Kehl denominou de “a maior preocupação do momento nacional: o saneamento”.(KEHL,1918:6)

A campanha pelo saneamento rural fez que Lobato “reformasse” seu personagem mais famoso até então. A figura parasitária, indolente e preguiçosa do caboclo nacional, resultado da “má semente” brasileira não condizia mais com a imagem do sertão e do sertanejo doente. Jeca Tatu tornou-se Jeca Tatuzinho, e a frase que representou o pedido de desculpas de Lobato emblemática da representação do Brasil doente: “O Jeca não é assim: está assim”. Em 1919, o autor escreveu o conto “Jeca Tatu. A Ressurreição”, incorporada nas edições seguinte de *Problema Vital*.

As campanhas empreendidas em jornais e revistas serviram para a “vulgarização” da eugenia. Mas Kehl pretendia estabelecer relações e contatos com eugenistas latino-americanos, norte-americanos e europeus. Nessa perspectiva, entendeu que a melhor forma

para o estabelecimento de tal contato deveria ser feita institucionalmente. Foi assim que em 15 de Janeiro de 1918, Renato Kehl fundou em conjunto com o médico Arnaldo Vieira de Carvalho a Sociedade Eugênica de São Paulo, vista como uma iniciativa nacionalista e uma obra de regeneração nacional.

O discurso de Renato Kehl, bem como a Sessão Inaugural da Sociedade, as três Sessões Ordinárias seguintes, a lista de membros, os Estatutos e mais vintes artigos sobre eugenia escritos por Kehl, Victor Delfino, Paz Soldan e outros nomes da eugenia nacional e internacional foram publicados como *Annaes de Eugenia*. O livro de 260 páginas, em uma edição caprichada foi publicado pela Edição da Revista do Brasil, ainda de propriedade de Monteiro Lobato. Na 1ª Sessão Ordinária, realizada em 03 de Abril de 1918, foi proposta a compilação dos artigos de Lobato sobre o saneamento dos sertões, o futuro *Problema Vital*. Apesar da importância e destaque da Sociedade Eugênica, alguns contratempores fizeram com que ela fosse extinta em 1919. Apesar do fim da instituição que representou por pouco tempo os ideais eugênicos no Brasil, tanto Kehl quanto Lobato continuaram a acreditar e a divulgar “a ciência do aperfeiçoamento físico e moral da espécie”.

Em 1923, mais crente das vantagens da eugenia e da necessidade de implementação de medidas eugênicas no Brasil, Lobato trouxe a público um livro de Renato Kehl, *A Cura da Fealdade*, de 510 páginas, cuidadosamente editado. O Jeca Tatu de Monteiro Lobato serviu de exemplo para a “caricatura grotesca do brasileiro cacogenizado”(KEHL,1923:166) em contraposição a imagens de algumas famosas estátuas gregas, tabelas de medidas antropométricas, o famoso desenho de Leonardo da Vinci, “O Homem Vitruviano” e fotos de homens, mulheres e crianças degeneradas seja por doenças, seja pela hereditariedade.

Para Kehl, a constatação do aumento da fealdade está diretamente relacionada a duas questões: aberração moral sexual da população, os vícios e os males sociais da sociedade moderna, e, aos caracteres raciais, transmitidos hereditariamente através da intensa miscigenação. A expressão vulgarizada na literatura brasileira, “cadinho de cruzamentos” é vista como altamente prejudicial aos propósitos eugênicos. O médico afirmou no livro que a raça negra é inferior intelectualmente em relação às demais raças. Além disso, se diz totalmente contrário aos cruzamentos entre raças, por ser considerado um “elemento perturbador da evolução natural e que portanto, não constitui meio de aperfeiçoamento étnico” (KEHL,1923:178/179)

Uma das inúmeras soluções apontadas por Renato Kehl para a constituição de uma população brasileira eugenicamente perfeita diz respeito à esterilização. Para o eugenista

esse era o grande exemplo a ser seguido, apesar de reconhecer que sua efetiva aplicação não seria de fácil aceitação. Duas práticas foram por ele defendidas. Em primeiro lugar, os candidatos ao matrimônio deveriam submeter-se a um exame pré-nupcial. Caso fosse constatada a possibilidade de uma prole degenerada, o casal seria esterilizado, com a única finalidade de “melhoria eugênica da raça”. Um dos principais argumentos pautou-se nas melhorias genéticas empreendidas em plantas e animais.

As idéias de Lobato sobre a eugenia e sua eficácia para a eliminação da “má semente” nacional foram com o correr dos anos lapidadas e aprimoradas. Cada vez mais certo das vantagens da “ciência de Galton”, o literato fez um investimento alto nas idéias eugênicas. Em 1926, *O Choque das Raças* foi publicado em forma de folhetim em *A Manhã* e no mesmo ano foi publicado como livro. A história se passa nos EUA em 2228. É interessante perceber que as propostas de Kehl para o aprimoramento da população brasileira são todas executadas em 2228 pela pena do escritor.

Em 2228 os norte-americanos brancos depararam-se com um grande problema político que passa pela questão racial: um negro presidente da República. Mas se o problema era aparentemente político, a solução poderia ser racial. Há muito tempo que a crise entre brancos e negros achava-se em um impasse: não havia condições de ambas as raças permanecerem sob o mesmo solo. Agora então que um negro se tornaria presidente, a idéia dos brancos era simples: precisavam eliminar a qualquer preço os negros do país. A solução foi arquitetada para que não falhasse: segundo nosso eugenista-literato, em 2228 os negros já haviam sido despigmentados, ou seja, a cor negra já não mais fazia parte da pele.

Apesar de terem ficado esbranquiçados, o maior sonho de todos os negros era ter o cabelo lindo e sedoso como o de qualquer ariana. John Dudley foi autorizado a fazer sua 73ª invenção. Entramos aí em mais um delírio criativo de Lobato: por meio da ação de raios Omega, criado por Dudley, o sonho do cabelo liso foi realizado. Todos os negros de todas as partes do território norte-americano correram para os Postos Desencarapinhantes. Na verdade, a finalidade máxima da invenção de John Dudley era literalmente mortal para a raça negra: a total e completa esterilização. “Traída pela astúcia do branco”, nas palavras da narradora, a raça negra, agora, dentro de pouco tempo deixaria de existir em território norte-americano. Todos os preceitos da eugenia negativa tornaram-se uma realidade em 2228 e o “pigmento negro” foi incluído como mais uma tara na Lei Owen de esterilização. O binômio racial transformou-se em monômio e “resolvido da maneira mais completa, sem sacrifícios dos negros existentes e sem transigência dos brancos”. (LOBATO,1972:173)

*Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu “Choque”, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoarás a este estrompado amigo. Quando passares na Leite Ribeiro [Livraria no Rio de Janeiro] entra e pega com a caixa o exemplar que te destinei. Precisamos lançar, vulgarizar estas idéias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como a vinha. (Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, sem data. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).*

Esta carta a Renato Kehl, escrita provavelmente por ocasião do lançamento de *O Choque das Raças*, pode ser entendida como um momento emblemático daquilo que Monteiro Lobato chamou de “guerra pró-eugenia” e da certeza de que a eugenia deveria ser implementada no Brasil. A correspondência entre ambos permanece até meados da década de 1940. Renato Kehl continuou a escrever livros sobre eugenia e enviava-os a Lobato, que agradecia em cartas. Nessas cartas para Kehl, o literato sempre demonstrou admiração e respeito pelo médico e por suas idéias, bem como não se furtava em dar alguns conselhos ao amigo. O tom das cartas de Lobato para Kehl foi sempre pessimista e podemos perceber um homem desiludido com o Brasil e com os brasileiros. Em 1938, Lobato retribuiu a gentileza do prefácio e os elogios de Kehl em o *Problema Vital*. No prefácio ao livro de Kehl, *Bio-Perspectivas*, além de reafirmar sua crença na ciência, Lobato afirmou que Kehl parecia aos seus olhos “o mais bem acabado tipo de cientista que a nossa atualidade pensante possui” (LOBATO,1938:9), além de explicar ao leitor o motivo de tal prefácio, reafirmando sua crença na ciência e na eugenia.

Nancy Leys Stepan afirma ser a eugenia um movimento científico e social (STEPAN, 2005: 69). Para compreendermos a eugenia é necessário estudar o movimento em si, suas formas de institucionalização, seus atores principais. Entretanto, acreditamos ser possível realizar um estudo sobre a eugenia a partir da maneira pela qual o movimento e seus preceitos interagiram e repercutiram com a sociedade. Nessa perspectiva, a literatura torna-se um instrumento interessante para o historiador, pois se vista como um testemunho histórico de seu tempo, descortina uma série de possibilidades de reflexão sobre a sociedade. A literatura não é entendida aqui nem como ficção atemporal nem como espelho fiel da realidade, mas sim como um campo privilegiado de construção do passado, presente e futuro. Intelectuais são sujeitos de sua própria época, agentes ativos da sociedade sobre a qual escreviam. No caso específico de Monteiro Lobato, o escritor acreditava que a literatura tinha uma clara missão pedagógica e esse sentido creditado por Lobato torna-se mais nítido quando pensamos em sua série de livros de histórias infantis, a saga lúdica do Sítio do Pica Pau Amarelo.

O ideal de construção da nação brasileira foi objeto de reflexão de gerações de intelectuais, políticos, médicos, bacharéis e literatos. Dessa forma, a literatura lobatiana nos

revela as preocupações e debates travados no Brasil das primeiras décadas do século XX. E sua relação de amizade com Renato Kehl não por acaso nos proporciona a chave interpretativa para uma discussão mais ampla sobre o movimento eugênico brasileiro. Certamente, a literatura de Monteiro Lobato contribuiu para que a eugenia no Brasil fosse divulgada e conhecida do grande público. Portanto, a literatura como objeto de estudo para uma melhor compreensão do movimento eugênico brasileira mostra-se relevante, uma vez que nos apresenta as idéias eugênicas de uma maneira não institucionalizada e principalmente, “vulgarizada” em jornais, revistas e livros de grande circulação.

Monteiro Lobato encarou durante toda a sua vida a “literatura como missão”(SEVCENKO, 1983). Entendia que através de sua pena, idéias e propostas deveriam e poderiam ser defendidas. A eugenia não foi a única idéia para a qual colocou sua escrita a serviço. Mas, com certeza, foi a menos inocente de todas elas. Ao longo de sua carreira como escritor, jornalista e editor, Lobato mostrou afinidade com os principais debates e, entre eles, a eugenia. Em seu único romance, o literato mostrou total familiaridade com os princípios eugênicos, com os resultados supostamente alcançados com a aplicação de proposições eugênicas e, principalmente, Lobato apresentou-se como um entusiasta de eugenia, tal qual seu amigo Renato Kehl. Assim, podemos pensar em uma rede de interlocução entre a ciência e a literatura em torno da eugenia brasileira, nas figuras de Renato Kehl e Monteiro Lobato.

## Referências

Fontes:

- Annaes de Eugenia** – Sociedade Eugênica de São Paulo. SP: Edição Revista do Brasil, 1919.
- KEHL, Renato. **A Eugenia**. SP: sem editora, 1917.
- \_\_\_\_\_. *Proemio*. In LOBATO, Monteiro. **Problema Vital. Artigos publicados no ‘O Estado de São Paulo’ e enfeixados em volume por decisão da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil**. SP: Edição Revista do Brasil, 1918.
- \_\_\_\_\_. **A Cura da Fealdade (Eugenia e Medicina Social)**. SP: Monteiro Lobato & Cia Editores, 1923.
- LOBATO, Monteiro, “Uma Velha Praga”. *O Estado de São Paulo*. 12/11/1914
- \_\_\_\_\_. “Urupês”. *O Estado de São Paulo*. 23/12/1914.
- \_\_\_\_\_. **Problema Vital. Artigos publicados no ‘O Estado de São Paulo’ e enfeixados em volume por decisão da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil**. SP: Edição Revista do Brasil, 1918.
- \_\_\_\_\_. *Jeca Tatu. A Ressurreição*. In **Problema Vital**. SP: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Prefácio*. In KEHL, Renato. **Bio-Perspectivas. Dicionário Filosófico**. RJ: Francisco Alves, 1938.
- \_\_\_\_\_. **O Presidente Negro ou o Choque das Raças. O Romance Americano de 2228**. SP: Brasiliense, 1972.

## Bibliografia:

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional.** RJ: REVAN: IUPERJ, UCAM, 1999.

LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil redescoberto pelo movimento sanitário da Primeira República.* In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). **Raça, Ciência e Sociedade.** RJ: FIOCRUZ, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** SP: Brasiliense, 1983.

STEPAN, Nancy L. *Eugenia no Brasil, 1917-1940.* In HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org.). **Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe.** RJ: FIOCRUZ, 2004.

\_\_\_\_\_. **“A Hora da Eugenia”: raça, gênero e nação na América Latina.** RJ: FIOCRUZ, 2005.